

MEMÓRIA E ESCRITA NO “FEDRO” DE PLATÃO. *Marícia Krewer, Ronie A. T. da Silveira*, (Departamento de Ciências Humanas, Universidade de Santa Cruz do Sul)

(Introdução) A crítica de Platão ao texto escrito é bastante conhecida, seja na formulação encontrada no final do “Fedro”, seja naquela expressa na Carta VII. Ambas dizem respeito à impossibilidade de que essa forma de comunicação seja capaz de expressar a verdade ou, como prefere Platão, o conhecimento das coisas mais sérias e elevadas. Em primeiro lugar, essa crítica é de fundamental importância pelo objeto que visa: o discurso escrito. Para nós, ocidentais contemporâneos, esse aspecto se acentua na proporção em que somos culturalmente constituídos por meio de uma lógica oriunda da palavra escrita – própria de uma cultura letrada (Havelock). Em segundo lugar, essa crítica volta-se sobre as próprias obras platônicas e parece forçar, por consequência, uma reinterpretação de seus textos sobre o pressuposto de uma ausência de autonomia por parte deles (G. Reale). Pouco destaque vem sendo dado, entretanto, à vinculação dessa tese sobre o discurso escrito com os propósitos da filosofia platônica e com os procedimentos retóricos exigidos por eles. O objetivo desse trabalho foi o de tentar compreender a ligação existente entre a chamada “Teoria da Reminiscência” e a crítica ao discurso escrito. (Metodologia) A investigação foi baseada, em um primeiro momento, na análise das obras de Platão onde essa crítica é expressa: o “Fedro” e a Carta VII. Em um segundo passo, foram analisadas obras complementares, ainda de Platão, relativas à “Teoria da Reminiscência”: o “Fedro”, o “Crátilo”, o “Teeteto”, o “Górgias”, “A República” e o “Ménon”. Logo a seguir, passamos a estudar a reorientação proposta por G. Reale na interpretação da obra de Platão. Reorientação essa fundada justamente nas passagens nas quais Platão critica o discurso escrito. Por fim, passamos à contribuição de Havelock com relação à invenção e impacto do alfabeto na Grécia Antiga e, principalmente, na cultura oral então vigente. (Resultados) Pudemos observar que a crítica de Platão ao discurso escrito é impulsionada por motivos retóricos. A retórica filosófica, diferentemente da retórica convencional, não pretende convencer o oponente. Seu objetivo não é o de vencer uma discussão e sim fazer com que nasça na alma do interlocutor a semente da recordação (*Anamnese*). A persuasão adquire, dessa forma, características muito peculiares definidas no “Fedro”: a) conhecimento da verdade sobre o tema discutido; b) conhecimento do gênero de alma para o qual se fala e c) conhecimento dos tipos de discurso necessários a cada situação ou a cada alma. (Conclusão) O discurso escrito é criticado por Platão pela sua inadequação aos propósitos da retórica filosófica. Entretanto, essa crítica não possui o caráter amplo e definitivo que pode aparentar. Ela se resume em avaliar o quanto cada tipo específico de discurso aproxima-se da função retórica ideal. Assim, seria necessário investigar *em cada caso* o quanto essa função é atingida. Essa avaliação não se resume, porém, somente ao discurso escrito. Mesmo o discurso oral deve ser analisado na medida em que é capaz de convencer filosoficamente. Não há, portanto, nenhum aspecto que necessariamente caracterize todo tipo de discurso escrito como inferior a qualquer tipo de discurso oral. Podemos propor, a partir disso, a existência de uma hierarquia dos discursos – sejam escritos, sejam orais – cujo topo equivaleria ao ideal da retórica filosófica e cuja base estaria o mais distante dele. (Fundo de Apoio à Pesquisa (UNISC), Programa UNISC de Iniciação Científica (UNISC))